

Editorial

Vol. 19, n. 33. 2022

Hegel pelas palavras de mulheres

Marloren Lopes Miranda, Michela Bordignon

Universidade de São Paulo (USP), Universidade Federal do ABC (UFABC)

Temos a grande satisfação de apresentar este número especial da Revista Eletrônica Estudos Hegelianos (REH), intitulado “Hegel pelas palavras de mulheres”. Este volume reúne, desse modo, variados textos de autoria de mulheres acerca da filosofia hegeliana, seu debate com outros autores, suas apropriações e críticas por outras filosofias, bem como ramificações e discussões com as filosofias feministas.

De acordo com diversas pesquisas, a presença de pesquisadoras mulheres é, ainda, menor na área da Filosofia do que a de pesquisadores homens¹. Todavia, a situação da produção acadêmica de autoria feminina foi ainda mais prejudicada, especialmente para as pesquisadoras com filhos, devido à pandemia de COVID-19 que enfrentamos mundialmente nos últimos dois anos². Uma das formas de combater essa desigualdade de gênero, especialmente nesse cenário, mas não somente, é elaborar iniciativas que visem especificamente aos grupos atingidos. O número especial aqui presente é resultado de uma dessas iniciativas.

Os textos aqui publicados são resultados de pesquisas de autoras de diversos continentes, como América, Europa e Ásia, sobre os mais diferentes temas, como lógica, metafísica, filosofia da natureza, filosofia política, entre outros. Isso demonstra não apenas a relevância de um autor como Hegel para a atualidade da filosofia, mas também a presença de alta qualidade da pesquisa desenvolvida por mulheres na área ao redor do mundo - talvez a contragosto do próprio Hegel. Os textos estão, desse modo, distribuídos da seguinte forma:

¹ Ver, por exemplo: ARAÚJO, Carolina. Quatorze anos de desigualdade: Mulheres na carreira acadêmica de Filosofia no Brasil entre 2004 e 2017. **Cadernos de Filosofia Alemã**, v. 24, n. 1, jan-jun. 2019, pp. 13-33.

² Ver, por exemplo: MYERS, Kyle.R, THAM, Wei Yang, YIN, Yian. *et al.* Unequal effects of the COVID-19 pandemic on scientists. **Nature Human Behaviour**, vol.. 4, set.2020, pp. 880–883. Sobre discussões acerca do impacto de filhos na carreira científica, consultar também: <https://www.parentinscience.com>.

Carla Vanessa Brito de Oliveira, no artigo *Autoconsciência desejante na Fenomenologia do Espírito: negatividade metafísica e liberdade*, volta a refletir sobre um tópico fundamental da filosofia hegeliana, ou seja, a negatividade. A partir da perspectiva fenomenológica, mostra como o desejo se torna uma ferramenta conceitual fundamental para esclarecer o estatuto da negatividade, com um foco específico na passagem da uma metafísica dualista do entendimento para uma metafísica da autoconsciência, onde a negatividade se torna vida e aquele desejo que leva a redeterminar a relação entre sujeito e objeto. Este percurso se desenvolve tendo como interlocutora privilegiada Judith Butler, ou seja, uma autora que, precisamente olhando para a *Fenomenologia*, coloca no centro da primeira fase da sua reflexão filosófica justamente o conceito de desejo e de negatividade.

Mariana Teixeira no artigo *Ambiguidade e dilaceração: Simone de Beauvoir leitora de Hegel e Kojève* volta a refletir sobre as dicotomias fundamentais que perpassam o debate feminista, tais como sexo e gênero, natureza e espírito, objeto e sujeito, e faz isso a partir da dicotomia beauvoiriana entre transcendência e imanência. A abordagem da autora nos permite voltar para o pensamento de Beauvoir em busca de uma resolução dessas dicotomias que não fique presa em um dos dois polos opostos, mas que, pelo contrário, supere uma separação abstrata e unilateral entre eles na base da noção de ambiguidade. Este conceito é analisado a partir de *A moral da ambiguidade*, um ensaio filosófico sobre a ética existencialista que Beauvoir escreve em 1947. Neste ensaio, encontramos uma crítica à dilaceração entre imanência e transcendência, e a autora mostra como justamente esta crítica pode nos ajudar compreender melhor a complexidade da dialética entre estes dois conceitos, entre sujeito e objeto, entre homem e mulher, que estão na base da obra de *O segundo sexo*. Esta dialética é analisada à luz da influência da leitura kojeviana da dialética do senhor e do escravo, mas, ao mesmo tempo, das divergências da elaboração teórica de Butler, na qual o conceito de ambiguidade se torna particularmente relevante, em relação ao trabalho de Kojève.

Silvia Locatelli, no artigo *Parler femme, parler hégélien*, apresenta uma leitura feminista da filosofia hegeliana, à qual aplica o conceito e *mimesis* elaborado pela filósofa feminista Luce Irigaray. Na primeira parte do texto são delineadas as características fundamentais da filosofia da natureza hegeliana, com um foco específico na física orgânica, para mostrar como o mundo natural, como exterioridade em relação ao conceito, é marcado pela contingência e representa um excesso em relação à ordem do conceito. Isso impediria a natureza de ser uma realização completa do conceito. A segunda parte do artigo é dedicada a Luce Irigaray, ao conceito de diferença sexual e à ordem simbólica constituída por uma dialética

falocêntrica subjacente à cultura ocidental. A reflexão filosófica de Irigaray é orientada a analisar essa ordem simbólica, mostrando o seu caráter violento e repressivo, em relação ao qual o feminino representa um excesso. O objetivo é o de subverter as estruturas constitutivas dessa ordem a partir de uma perspectiva interna e o objetivo de Locatelli, na parte final do artigo, é de aplicar atividade subversiva da *mimesis* à filosofia hegeliana, olhando para alguns fenômenos em que a esfera do feminino se encontra em uma relação explícita e significativa com a dimensão de sua naturalidade, de materialidade, e da imediatez. Nesta perspectiva hegeliana, portanto, a mulher se mostra como um excesso subversivo, como uma outra lógica, uma lógica ilógica em relação à lógica falocêntrica que permeia a cultura ocidental.

Claudia Wirsing, em *Hegel on the Margins: Derrida and the Relapse into Metaphysics* retorna a um problema clássico do debate hegeliano - o problema do início (*Anfang*) - mas o faz a partir de uma perspectiva original e bem determinada, que parte da doutrina do ser, mas que se desenvolve dentro da doutrina da essência. Essa perspectiva é elaborada dentro de um quadro, no qual a autora toma como base a crítica de Kierkegaard a Hegel, e termina com uma comparação com a forma na qual Derrida aborda o problema do começo. Partindo, portanto, da crítica de Kierkegaard à concepção hegeliana do início do sistema como um começo absoluto e sem pressupostos, Wirsing entra, então, no cerne do problema, olhando para a seção inicial da doutrina da essência, em que é possível encontrar a dupla conceitual subjacente ao problema do início, ou seja, a relação entre imediatidade e mediação: Hegel nos oferece um modelo formal para pensar um conceito de imediatidade refletida e, portanto, mediada. Na última parte do texto, Wirsing elabora uma comparação com a forma através da qual a aporia do início é abordada por Hegel na seção sobre a reflexão ponente, e por Derrida através do conceito de *Différance*, denunciando a incapacidade deste último de apreender a aporia do início, e a consequente inadequação de crítica de Derrida à metafísica. Por um lado, a noção de *différance* pode ser caracterizada por uma lógica semelhante à da reflexão ponente; por outro lado, ao mesmo tempo, a *différance* não consegue superar completamente, como na dialética da reflexão ponente, a clássica tentativa metafísica de conceber o início como absoluto, simples e imediato.

No artigo *Famille contre contrat: une perspective hégélienne*, Jiahui Feng parte da distinção de Honneth de dois modelos no que diz respeito à normatividade da família: o primeiro, baseado em uma relação contratual e jurídica, ligado a Kant, e o segundo, baseado no amor, ligado a Hegel. No entanto, a distinção simplifica a forma de interpretar uma teoria como a hegeliana, que certamente não desconsidera a perspectiva dos direitos individuais. Tanto Kant quanto Hegel pretendem mostrar que o casamento não é uma comunidade de tipo natural, mas

uma comunidade de tipo jurídico ou espiritual. Hegel reconhece que a dimensão contratual tem um papel positivo na realização da liberdade, mas também afirma que ela não pode intervir na construção das ligações familiares. As relações contratuais encontram o seu lugar na sociedade civil, mas não podem ter um âmbito ético. A autora inicia com a apresentação das diferenças entre o modelo kantiano e o modelo hegeliano de casamento, examinando as razões pelas quais Hegel situa a família na dimensão ética, a partir da distinção entre vontade comum e vontade universal. Essa distinção reflete aquela entre o universal abstrato do intelecto e o universal concreto da razão. Segue-se uma análise crítica da natureza exterior do contrato e investigam-se os limites de uma forma puramente jurídica de explicação da relação familiar. Na parte final do texto, a autora reflete sobre a diferença entre a exterioridade da lei abstrata e a integralidade da vida ética, esclarecendo o alcance dessa ideia de acordo com sua implicação no tema da família. É possível identificar certa presença da relação contratual na família, pois a família é caracterizada por alguns aspectos externos.

Márcia Zebina apresenta, neste número, o texto *A astúcia da razão em Hegel*. Nele, a autora trabalha essa expressão com ênfase nas obras *Filosofia da História* e *Ciência da Lógica* de Hegel, preocupando-se, essencialmente, em investigar se seria adequado empregar o mesmo modelo de análise para a expressão “astúcia da razão” a partir desses dois diferentes registros. Esse objetivo é perseguido, ao longo do texto, apoiando-se na diferença entre teleologia interna e teleologia externa, e discutindo esses distintos *teloi* a partir do entrelaçamento das noções de organismo, apresentada especialmente na *Filosofia da Natureza*, e de espírito. Zebina conclui que não se pode simplesmente aplicar o modelo da Lógica à História, e nem que ambas possuiriam a mesma origem estritamente falando, porque cada uma delas teria uma finalidade distinta da outra.

No artigo de Cecilia Abdo Ferez, *Trans-formed identity. Catherine Malabou's reading of Hegel*, a autora oferece uma leitura crítica acerca da interpretação de Malabou da filosofia hegeliana, especialmente no que concerne à experiência subjetiva envolvendo a corporeidade. O artigo procura compreender tanto o posicionamento de Malabou entre os estudos hegelianos e os feministas, bem como o diálogo que ela propõe entre ambos. Sua discussão se dá sobre a possibilidade de uma noção de corpo de mulher que está permanentemente em transformação, ou seja, uma corporalidade, ou uma identidade, plástica. Assim, Ferez reconstrói o argumento de Malabou, discutindo, primeiramente, a noção de razão, e como, na história da filosofia ocidental, ela está engendrada em uma noção de gênero, especialmente ao masculino. A seguir, a autora examina em maiores detalhes a noção de plasticidade, que aparece na literatura

hegeliana, mas que o próprio Hegel não desenvolve, sendo retomada por Malabou. Em terceiro lugar, Ferez se detém sobre a discussão da relação entre as noções de Deus e da subjetividade moderna, para, por fim, discutir a relação entre a experiência subjetiva e a corporalidade, sem precisar renunciar a esta, mas recolocando o problema da diferença sexual de outra perspectiva.

O texto de Elena Tripaldi, *With or Without Monism? A Roadmap to the Contemporary Appeal of Hegel's Metaphysics*, tem por objetivo oferecer um mapeamento do debate contemporâneo que retoma a metafísica de Hegel. Desse modo, a autora discute, primeiramente, as diferentes leituras e interpretações da filosofia contemporânea sobre a natureza da metafísica, passando por posições, por exemplo, como a “analítica”, a “não-analítica”, e a “nova onda metafísica”. A seguir, ela discute especificamente as interpretações contemporâneas da metafísica hegeliana, como uma leitura que apostaria que a metafísica hegeliana seria uma metafísica mais tradicional (por exemplo, as de Charles Taylor, Frederick Beiser e Rolf-Peter Horstmann); a que indicaria uma metafísica pós-kantiana (como as de Robert Pippin, Terry Pinkard, Sally Sedgwick e Rocío Zambrana); e uma que apontaria para algo como uma metafísica revisada (como as de James Kreines, Robert Stern e Stephen Houlgate). Após um intenso debate com os argumentos desses autores para sustentar suas posições acerca da metafísica hegeliana, Tripaldi conclui que essa teoria parece ultrapassar todos esses rótulos e esquemas conceituais, e, além disso, que essa discussão também aponta para questões meta-filosóficas contemporâneas e relevantes.

Yuka Okazaki, em seu artigo *Challenging the Sex Binary in Hegel's Philosophy*, apresenta um estudo muito interessante sobre o debate das décadas por volta de 1800 a respeito da noção de intersexo, isto é, de pessoas cujas anatomias desenvolvem características sexuais ambíguas que não se encaixam nas noções usuais de sexo feminino e masculino, e de sua relação com o próprio conceito de sexos. O foco da autora é discutir como Hegel, especialmente nos escritos de Jena e na sua filosofia da natureza madura, articula e rearticula as diferenças sexuais e a ideia de intersexo, esclarecendo também qual era o debate dos contemporâneos desse filósofo sobre este tema. Okazaki sustenta que Hegel acaba parecendo apostar em uma impossibilidade de definir muito precisamente e de modo definitivo os limites entre o sexo masculino e feminino. Certamente, a hipótese levantada pela autora é muito relevante para debates contemporâneos, não apenas sobre a filosofia da natureza hegeliana, temática que tem tomado um novo fôlego nos últimos anos, mas também, e sobretudo, sobre teorias da sexualidade.

Neste número da REH temos também o prazer e a honra de publicar a tradução de um artigo de *Zaida Olvera Granados*. O artigo, publicado na sua versão original no ano passado na revista *Philosophical Readings*, venceu o *Premio Hegel para Jóvenes Investigadores* da Sociedad Iberoamericana de Estudios Hegelianos Texto, com o apoio da Corporación Cultural Chileno-Alemana de Valaparaíso, realizado em 2021. Intitulado *Violência, poder e pobreza em Hegel*, o texto analisa um conceito pouco pesquisado no âmbito dos estudos hegelianos, ou seja, o conceito de violência. A autora começa sua investigação desse conceito a partir da *Ciência da Lógica*, onde a violência é definida como aparência do poder, e parece assim se colocar como momento necessário deste conceito. Esta análise abre as portas para repensar a relevância do conceito de violência na *Filosofia do Direito* e na *Filosofia da História* tanto num contexto pré-Estadual, onde é considerado o papel da violência e a sua relação com o poder na fundação do Estado e é repensado criticamente o pressuposto da naturalidade da violência, quanto num contexto pós-revolucionário da crise da sociedade civil, que permite refletir filosoficamente sobre a relação entre o fenômeno da pobreza com a própria violência. Através deste caminho teórico, a autora chega a mostrar como a violência não seria um momento necessário para a constituição de uma ordem racional, resultado que abre novas possibilidades de reflexão filosófica tanto no debate hegeliano quanto no debate filosófico contemporâneo.

Para finalizar este número, Ana Vieyra-Ramirez apresenta uma resenha do livro de 2019 de Kevin Thompson, intitulado *Hegel's Theory of Normativity: The Systematic Foundations of the Science of Right*. Nesta obra, Thompson estabelece um esboço da teoria da normatividade através de, segundo Vieyra, uma interpretação e uma defesa dos fundamentos da filosofia política hegeliana. Isso é particularmente sustentado a partir da noção de sistematicidade. A autora apresenta a divisão da obra, fornecendo uma visão geral da mesma, e, ao mesmo tempo, expõe suas considerações sobre cada capítulo de modo bastante crítico e detalhado. Assim, Vieyra-Ramirez não apenas comenta a obra de Thompson, mas também dialoga com a mesma, apontando suas próprias considerações, a fim de sublinhar a riqueza da discussão filosófica tanto na obra de Thompson, quanto na de Hegel, e não apenas para interessados nessas obras, mas também no que concerne aos problemas sobre normatividade e sobre filosofia política em geral.

Enquanto editoras deste volume especial, ficamos alegres e orgulhosas não apenas com o resultado final, mas também com o interesse e a participação de diversas mulheres, especialistas de renome internacional e jovens pesquisadoras da filosofia hegeliana. Agradecemos ao incentivo dos editores da Revista Eletrônica Estudos Hegelianos, e às autoras

que participaram deste projeto, que compreendemos como um fortalecimento das possibilidades de diálogos nacionais e internacionais de alto nível, e um atestado da qualidade da produção filosófica de autoria de mulheres.

Marloren Lopes Miranda

Universidade Federal de São Paulo (USP)

marloren.miranda@hotmail.com

Michela Bordignon

Universidade Federal do ABC (UFABC)

michela.bordignon81@gmail.com

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Carolina. Quatorze anos de desigualdade: Mulheres na carreira acadêmica de Filosofia no Brasil entre 2004 e 2017. **Cadernos de Filosofia Alemã**, v. 24, n. 1, jan-jun. 2019, pp. 13-33.

MYERS, Kyle. R, THAM, Wei Yang, YIN, Yian. *et al.* Unequal effects of the COVID-19 pandemic on scientists. **Nature Human Behaviour**, vol.. 4, set.2020, pp. 880–883.